



FIM DE CICLO

Centro-direita assume poder na Bolívia após 20 anos

Rodrigo Paz é empossado na presidência do país andino, encerrando duas décadas de governos de esquerda. Bolivianos enfrentam a pior crise econômica em 40 anos, com reservas cambiais quase exauridas

Escolhido para liderar o país no enfrentamento da maior crise econômica em 40 anos, o centro-direitista Rodrigo Paz, do Partido Demócrata Cristão (PDC), assumiu ontem a Presidência da Bolívia. A posse do filho do ex-presidente Jaime Paz (1989-1993) marca o fim de um ciclo de 20 anos de governos socialistas na nação andina.

Paz terá o imenso desafio de fazer a transição entre o atual modelo, de decisões econômicas com grande ênfase na manutenção de programas de apoio à população mais vulnerável, para um sistema que consiga tirar o país do atoleiro sem deixar para trás os mais carentes.

O governo de Luis Arce esgotou quase todas as suas reservas cambiais para sustentar uma política de subsídios universais à gasolina e ao diesel. A inflação anual até outubro foi de 19%, após atingir um pico de 25% em julho.

Paz prometeu cortar mais da metade dos subsídios aos combustíveis e “gastos governamentais supérfluos. Ele se elegeu com um programa que chama de “capitalismo para todos”, com forte aposta na formalização da economia, na eliminação de obstáculos burocráticos e na redução de impostos. Para não assustar os eleitores mais à esquerda, contudo, fez questão de acenar com uma transição sem maiores choques. “Não queremos austeridade severa, mas uma economia forte, justa e volta-da para gerar oportunidades a todos os bolivianos”, discursou no fim da campanha eleitoral.

Promessas

Ontem, ao tomar posse, foi mais duro: “Nunca mais uma Bolívia isolada, submetida a ideologias fracassadas, muito menos uma Bolívia de costas para o mundo”, disse Paz, em discurso que marcou distância de seus antecessores, os esquerdistas Evo Morales e Luis Arce.

“O país precisa voltar a produzir. Vamos abrir a economia, atrair investimentos, reduzir as tarifas para bens que não fabricamos e modernizar o sistema energético e digital”, disse Paz. Ele também prometeu um “governo da inovação, da ciência, da tecnologia e do futuro verde”.



Nunca mais uma Bolívia isolada, submetida a ideologias fracassadas, muito menos uma Bolívia de costas para o mundo"



"O que diabos fizeram com a gente com toda essa bonança? Por que há pessoas, famílias que não têm o que comer hoje, se éramos tão ricos com tanto gás e com o lítio como futuro?"

Rodrigo Paz, novo presidente da Bolívia

Luis Gandarillas/Pool/AFP



Rodrigo Paz (à direita) e o novo vice-presidente, Edman Lara: acenos aos EUA e promessas de mudanças econômicas

Aizar Raldes/AFP



Subsecretário de Estado dos EUA, Christopher Landau

Proteção policial

Paz, de 58 anos, foi recebido com aplausos no palácio legislativo boliviano, no centro de La Paz, pelos deputados e por uma série de delegações

internacionais. A área do Palácio do Governo e do Parlamento permaneceu sob forte proteção policial.

“Deus, família e pátria: Sim, ju-ro!”, declarou o novo presidente. O juramento foi conduzido pelo seu

Aizar Raldes/AFP



Presidente da Argentina, Javier Milei, aplaudiu troca de poder

vice-presidente, Edmand Lara, um ex-oficial da polícia.

Mais de 50 delegações internacionais estiveram na sede do governo da Bolívia, 3.600 metros acima do nível do mar. Entre os

principais participantes, estavam o vice-chanceler norte-americano Christopher Landau e os presidentes Gabriel Boric (Chile), Javier Milei (Argentina) e Yamandú Orsi (Uruguai), entre outros.

INCIDENTES EXPLODIRAM

Mortes em ataques de urso aterrorizam Japão

Caroline Gardin/AFP/TV/AFR



Imagem na região de Akita alerta para presença de ursos na área

Keiji Minatoya pensou que sua hora havia chegado quando um urso o derrubou no chão e mordeu seu rosto na garagem de casa, no norte do Japão. Ele sobreviveu ao ataque, que aconteceu em 2023 na província de Akita. Nos últimos meses, a região tem assistido a um crescimento exponencial de encontros mortais com esses animais.

Desde abril, um número recorde de 13 pessoas morreram por causa dos ursos, e dezenas de japoneses, aterrorizados, relatam como os animais têm invadido casas, rondado escolas e até entrado em supermercados.

Além disso, cerca de 100 pessoas ficaram feridas entre abril e setembro, segundo dados oficiais.

O assunto virou séria preocupação para o governo, que agora tenta enfrentar o problema inclusive com a mobilização de soldados.

Os cientistas atribuem o fenômeno ao grande crescimento da população de ursos e à escassez de

alimentos este ano, especialmente de bolotas (fruto do carvalho).

O balanço desde abril já é duas vezes superior ao recorde anterior, registrado há dois anos.

Os ataques de ursos pardos — que podem pesar 500 kg e correr mais rápido que um homem — e de ursos negros asiáticos afetam principalmente o norte do país.

Entre as vítimas recentes está um homem de 67 anos que foi encontrado decapitado em outubro na província de Iwate, vizinha de Akita.

54 mil ursos

O número de ursos pardos dobrou em 30 anos, atingindo 12 mil animais, enquanto a população de ursos negros chega a 42 mil em Honshu, a principal ilha do Japão, segundo o governo. “O tamanho da população excede a capacidade das montanhas”, explica Naoki Ohnishi, pesquisador do Instituto de Pesquisa Florestal.

Embora o aumento das temperaturas devido às mudanças climáticas chegue a provocar um excesso de bolotas em alguns períodos, a produção varia muito de um ano para outro. Em 2025, ela foi relativamente baixa, assim como em 2023, quando Minatoya foi atacado.

O resultado é que os ursos, muitas vezes acompanhados de seus filhotes, descem para a cidade em busca de comida, explica Shinsuke Koike, professor da Universidade de Agricultura e Tecnologia de Tóquio.

O medo é palpável nas pequenas localidades, onde os habitantes penduram sinos nas suas bolsas para afugentar os ursos e comentam os ataques nos bares. Por toda parte há cartazes alertando sobre o perigo. “Quase todos os dias se ouve falar de ataques”, alerta Kakeru Matsushashi, um “matagi”, ou caçador tradicional do nordeste do Japão, de 28 anos.

Para o pesquisador Ohnishi, o “abate em massa” de ursos é a única

solução eficaz para garantir a segurança dos habitantes. Mas faltam recursos: o número de caçadores caiu pela metade desde 1980, chegando a 220 mil em 2020.

Mesmo assim, em 2023 e 2024, mais de 9 mil ursos foram abatidos. Outros 4,2 mil foram mortos entre abril e setembro do ano passado.

Em Akita, onde já foram sacrificados mais de mil animais este ano, as autoridades solicitaram a ajuda do Exército para transportar armadilhas, caçadores e animais capturados.

Além disso, os policiais de choque agora podem atirar nos animais, após uma flexibilização das regras sobre o uso de suas armas.

O inverno trará um alívio: os ursos hibernarão, o que reduzirá as incursões, mas a ameaça persiste.

“É como viver em um safári de ursos”, diz Hajime Nakae, professor de Medicina no hospital universitário de Akita, que há 30 anos trata ferimentos causados por esses animais. “Estamos testemunhando uma catástrofe.”